

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte:

Diário de Pernambuco

Class.:

213

Data:

03.07.89

Pg.:

A saga de Yanomani

Terça-feira passada, o índio Davi Kopenawa Yanomani tornou-se o homem-alvo dos matadores impunes que dominam nosso universo agrário. Que fez ele?

Cometeu um crime inominável: recebeu, em Brasília, o Prêmio Global 500, de 1988, concedido pela Organização das Nações Unidas aos defensores da ecologia. O mesmo prêmio que, em 1987, foi atribuído a Francisco Mendes, o sindicalista trucidado em Xapuri, cujo sangue ainda escorre sem justiça pelo chão.

O índio não ignora o seu destino. Vem travando uma luta titânica em defesa do território Yanomani, onde vivem dez mil selvagens, encravado entre o Estado do Amazonas e o Território de Roraima. Desde janeiro do ano findo, sente em torno de si apertar-se o círculo mortal. Garimpeiros e "grileiros" avançam por rios e igarapés, destroem a flora, matam peixes, contaminam, é um exército implacável na busca de seus objetivos, numa terra sem Deus, sem rei, sem lei.

Davi Kopenawa Yanomani faz a mesma advertência de Chico Mendes. Do Distrito Federal alerta todos os responsáveis: "Estou ameaçado de morte porque sou o único que fala português e que está atrapalhando o avanço dos garimpeiros". Estranho e imprevisível resultado da aculturação: não apenas a morte cultural, agora também, a eliminação física...

Quem ouviu Davi Kopenawa Yanomani? Há uma misteriosa surdez vitimando as autoridades brasileiras. Uma surdez que assume formas torturantemente agudas quando se fala

em terra, reforma do estatuto da terra, ecologia, defesa da terra contra a exploração desenfreada, predatória. Não ouvem. Tombam camponeses na Bahia, nos sertões da Paraíba, na zona da Mata, em Pernambuco. Ninguém ouve. Os tiros que abateram Chico Mendes ressoaram no continente. Mobilizaram o povo nos degraus do Capitólio, em Washington. Em qualquer parte onde se respeite a vida e se defenda a natureza, os tiros mais pareceram dobres de sinos sobre nossa insensibilidade. Davi Kopenawa Yanomani terá mais sorte do que Chico Mendes?

É difícil prever. Já há até quem fale em Chico Mendes como representante de interesses alienígenas. Ou, que sacudam sobre a Amazônia a cortina de fumaça de um nacionalismo jacobinista, como se dissessem o morto é nosso, ninguém tem nada com isso.

Foi Euclides quem escreveu, num dos seus rasgos de gênio, que a Amazônia era a última página do Gênesis. Talvez, seja isso e mais alguma coisa para nós, brasileiros. Talvez, a derradeira oportunidade de tomarmos a história nas mãos construindo aqui uma experiência nova de vida. Experiência de sentido cristocêntrico no que isso envolve de respeito à dignidade humana.

Há meio milênio estamos erigindo uma civilização com todos os defeitos de nossas matrizes. Será terrível nosso fracasso como mundo novo. Mundo onde os Yanomani não fossem caçados como animais selvagens e os Chicos Mendes pudessem criar os filhos, na paz de Deus e da natureza.